



Universidade de Brasília – UnB
Departamento de História
Instituto de Ciências Humanas.

Monografia apresentada ao
Departamento de História do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília para a
obtenção do grau de bacharel em
História.

Reconstruindo as Representações dos Veteranos da Guerra dos Mil Dias em Gabriel Garcia Márquez

Marina Procópio Rodrigues da Cunha

Brasília, Dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Até por uma questão de personalidade – ou mania, sejamos aqui sinceros – a construção deste trabalho teve por base o apoio de minha família e amigos. Não sou, em absoluto, o escritor ideal de Gabriel Garcia Marquez. Para o autor, ser escritor é ser essencialmente solitário. Não fui.

Este trabalho foi escrito com a ajuda de muitas pessoas bondosas e pacientes – às vezes nem tanto – mas que dedicaram, cada um, algumas horas de sua vida a uma amiga aflita. O socorro veio de muitas formas não só a revisão que me salvou de muitos apuros, as sugestões que me tiraram de impasses, o chá quente oferecido no meio da noite, mas as vezes apenas escutar e permitir que eu mesma entendesse o que queria dizer.

Queria agradecer aqui em primeiro lugar a primeira pessoa. Agradeço a Ricardo Mucury Filho, que por me conhecer muito bem, me deu de presente a autobiografia de Garcia Marquez, livro que iniciou todo este processo.

Agradeço à professora Sara Almarza que tanto me ensinou e que mais do que isso, acreditou em mim. Agradeço por ter me aceitado como aluna especial na muito proveitosa matéria que ofereceu na Pós-graduação do curso de Letras, agradeço por ter me aceitado em seu grupo de pesquisa. Agradeço também à Julliany Mucury por ter nos apresentado.

Agradeço a Lúcio Cunha, meu pai, pelos chocolates que comprou, pelo dicionário vivo que se tornou para mim, por ler meu trabalho mesmo depois de já sabê-lo de cor, de tanto me ouvir falar. Agradeço pela confiança que sempre demonstrou em mim, com a firmeza de que a monografia daria certo de qualquer maneira.

Agradeço a José Alberto Cunha, meu irmão, por se transformar em meu entregador de pizza e MC Donald's pessoal e por sempre me ouvir com curiosidade e satisfazer o meu ego ao começar a ler *Cem Anos de Solidão* pela primeira vez. Agradeço também a sua namorada, Marina Craveiro, pela revisão da introdução e pelas idéias que foi me dando ao longo do caminho.

Agradeço à professora Cléria Botelho, por ter me orientado ao longo desta pesquisa, por não ter desistido de mim, por sua paciência e bondade, por não ter se enfurecido com meus atrasos ou telefonemas tarde da noite.

Agradeço ao professor Jaime Almeida pela ajuda com a bibliografia referente à Guerra dos Mil Dias e por ter aceitado com tanta gentileza fazer parte da banca que me examinará. Agradeço à professora Eloisa Barroso por ter também tão gentilmente aceitado participar da dita banca.

Agradeço a professora Libertad Bitencourt por ter também me auxiliado com a bibliografia, por ter revisado meu projeto e por ter me dado tanta confiança em nossas breves conversas.

Agradeço a Edna Lourdes, por ter sempre estado comigo. Não presente, é claro, mas em minhas memórias de nossas aulas de poesia quando me ensinou pela primeira vez o que é boa literatura.

Agradeço também a Cristina Silveira, heroína de todas horas, que revisou todo o trabalho e fez inúmeras sugestões e apontamentos da mais alta importância. Agradeço muito mais pela alegria com que se ofereceu a me ajudar, pela doçura de suas ligações em que enfatizava o quanto gostava do que lia. Agradeço a melhor amiga de minha mãe por ter se tornado minha melhor amiga na hora de escrever este trabalho.

Agradeço por fim à Raquel Procópio, minha mãe, pelas noites em que dormiu ao meu lado para que eu não me sentisse sozinha escrevendo de madrugada. Agradeço pelos lanches tarde da noite, pelo café da manhã na escrivaninha, pelas caronas quando eu estava com muito sono para dirigir. Agradeço por sempre me dizer que ia dar certo e por me escutar falar de meu trabalho por horas a fio. Mas agradeço, talvez principalmente por ter comprado, em janeiro de 1987, *O Amor nos Tempos do Cólera* e por tê-lo mantido na estante por todos esses anos, na altura ideal, ao alcance das mãos curiosas de sua filha baixinha.

“Outubro era uma dessas
raras coisas que chegavam”¹

¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Ninguém Escreve ao Coronel**. 23 ed. Rio de Janeiro, RJ. Record, 2010.
Pag 08

RESUMO

Este trabalho se propõe a uma análise das representações relativas aos veteranos da Guerra dos Mil Dias contidas nas obras de Gabriel Garcia Marquez. Dois personagens em especial são estudados: o coronel Aureliano Buendia – *Cem Anos de Solidão* – e o Coronel – *Ninguém Escreve ao Coronel*. Nesta monografia pretende-se realizar um estudo de como as construções minemônicas do autor, construídas em sua relação com seu avô o coronel Nicolás Marquez, iriam dar origem às suas representações acerca da guerra anteriormente mencionada e a seus veteranos.

Palavras Chave: Memória, representação, Guerra dos Mil Dias, veteranos, Gabriel Garcia Marquez.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capitulo 1 – História Cultural e Peixinhos de Ouro.....	14
Capitulo 2 – A Memória é Tempo.....	20
Capitulo 3 – Solidão.....	28
Capitulo 4 – Não se preocupe – consolou o coronel – o correio chega amanhã.....	38
Considerações Finais.....	46
Referencias Bibliográficas.....	50
Declaração de Autenticidade.....	52

INTRODUÇÃO

O discurso literário muitas vezes abre uma interface com o discurso histórico. A nova porta aberta ao longo das últimas décadas – o estudo da literatura como fonte histórica – apresenta um novo viés histórico repleto de possibilidades tanto para os estudos de literatura, quanto para os estudos de história. Essa interface aqui muito nos interessa, pois abre um viés de grande peso e importância para o estudo das mentalidades, permitindo-nos fazer um estudo extremamente rico, principalmente se a partir do prisma da redução de escalas, a maneira de Ginsburg. Neste estudo, pousaremos nossa lupa sobre a obra de Gabriel Garcia Marquez, mais especificamente sobre dois personagens e as representações da Guerra dos Mil Dias ali propagadas.

Em sua autobiografia, *Viver para contar*, Gabriel Garcia Marquez escolheu um recorte emblemático, iniciando-a em uma viagem por suas memórias, respaldada pelas lembranças da casa onde nasceu. Seu livro não trata de toda a extensão de sua vida, mas do período que lhe foi decisivo para se inventar como autor. Qualquer estudioso de suas obras não poderia ter desejado melhor, não poderia ter achado mais propício deparar-se com suas próprias reminiscências, que contribuem para compreender sua trajetória autoral.

Finda a leitura de *Viver para contar*, a impressão que fica é a de que a vida do autor não é senão outra de suas aventuras. Garcia Marquez conta sua história como contaria a de qualquer outro personagem seu, com a mesma mística, com a mesma poesia, com a mesma irreverência da história inventada. E a quem quer que tenha prévio conhecimento do restante de sua obra será impossível não relacionar seus personagens e sua trama com pessoas e fatos ali relatados, de sua infância e vida adulta, da literatura por ele lida com avidez ao longo de toda a vida, da história, real e inventada, de seu país de origem.

É um livro que trata de memória, num sentido próximo ao trabalhado por Pesavento e por Ricoeur, um livro que não se compromete essencialmente com a verdade, mas sim com a memória do autor. Uma memória emocional, quando comparada ao trabalho do biógrafo Gerald Martin, que não tem pretensões de se apegar ao estritamente real, como descrito em sua epígrafe:

“ A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”²

O recorte escolhido por Gabriel Garcia Marquez em sua autobiografia privilegia sua infância em Aracataca. Não é para menos, este período de sua infância foi vivido com seus avós, mais especificamente com seu avô o Coronel Nicolás Marquez Mejías, veterano da Guerra dos Mil Dias. Ler a história da infância do autor é conhecer as pessoas por trás de seus personagens. Não há como não fazer as comparações, associando cada membro de sua família com alguns dos lendários personagens de *Cem Anos de Solidão*.

É a partir do estudo do livro de Gerald Martin, *Gabriel Garcia Marquez: Uma Vida*, que é possível perceber que algumas dessas comparações pouco tinham de grosseiras, eram na verdade factíveis, palpáveis, algumas inclusive alardeadas pelo próprio Garcia Marquez.

O coronel Aureliano Buendia, personagem de *Cem Anos de Solidão* e também de vários outros contos, e o Coronel, personagem de *Ninguém escreve ao Coronel* têm uma guerra em comum, um passado. Ambos são veteranos da Guerra dos Mil Dias, um conflito colombiano que marcou a história do país, a vida dos colombianos da região da costa do Caribe e, mais particularmente, a família de Gabriel Garcia Marquez.

O avô de Garcia Marquez foi veterano de tal guerra e suas histórias e os pesares de sua velhice são mencionados a todo momento em *Viver para Contar*. Fizeram parte da infância do autor, não só as histórias de tempos passados, mas também os desdobramentos presentes. A espera pela pensão de veterano que nunca chegou, o status social de que seu avô gozava entre os demais moradores de Aracataca, mesmo nos tempos de maiores dificuldades financeiras.

É a partir destas elocubrações que esta pesquisa se pauta, empregando o conceito de representação apresentado por Pesavento e usando como fonte não só a biografia de Gabriel Garcia Marquez, mas também sua obra literária, num exercício metodológico muito semelhante ao da Literatura Comparada.

A intenção deste projeto é realizar um estudo - a partir de um viés informado da história cultural e micro história - das representações sociais referentes aos veteranos da Guerra dos Mil Dias, em suas aparições na literatura de Gabriel Garcia Marquez. As representações referentes ao ressentimento, ao sentimento de derrota dos ideais e o

² MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para Contar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. Pág. 5

abandono pelo governo vivido pelos veteranos da guerra de 1899 na Colômbia, serão buscadas em duas de suas obras, *Cem anos de Solidão* e *Ninguém Escreve ao Coronel*, cujos protagonistas, Coronel Aureliano Buendia e o Coronel, respectivamente, vivem não só o período de guerra, mas o sobrevivem para amargar na velhice a espera da pensão de veterano prometida.

Parte desta pesquisa gira em torno da história da Colômbia, que em si é um de seus mais valorizados personagens, em especial a região do Caribe. Terra natal de Garcia Marquez, o Caribe ambienta quase todas as suas obras. Mas não é só do sol abrasador, do mar amarelo, da poeira quente ou das amendoeiras a que se refere, é também das cidades históricas de Cartagena de Índias, Santa Marta, Barranquilla e, principalmente, a Guerra dos Mil Dias.

Este conflito se passa, oficialmente, entre os anos de 1899 a 1902, foi uma guerra travada entre os partidos Liberal e Conservador que naquele momento lutavam por espaço político dentro de uma Colômbia já sulcada por intermináveis guerras civis. Um dos principais motivos pelo qual se deu o embate foi a luta dos liberais pela instituição do estado laico. Em outubro de 1902, foi assinado o tratado de Neerlandia que punha fim a guerra. Este tratado, no entanto, não impediu que ela perdurasse por mais um mês entre encouraçados no mar do Caribe. Juntamente com outros liberais, Nicolás Marquez Mejías perdeu a guerra e esperou durante quase cinquenta anos, até o fim de sua vida, pela chegada da pensão de veterano prometida ainda nas terras de Neerlandia.

No tocante ao embasamento teórico, procurou-se trabalhar o conceito de Representação de Pesavento. Para a autora, as representações formam uma “realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”³; substituiriam o mundo real, tomariam o seu lugar dentro do imaginário.

“ ‘construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência’. Esta substituição do mundo por sua representação não significa que temos aí

³ PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. Pág. 39

uma cópia fiel da realidade, ‘mas uma construção feita a partir dele’ ”⁴

Segundo a autora, assim como a memória, as representações se baseiam na “verossimilhança e na credibilidade, e não de veracidade” ⁵ o que abre um imenso espaço de estudo que tenha a literatura como fonte, como é o caso deste trabalho.

“A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.”⁶

Aqui, também, pretende-se fazer uso de conceitos pertinentes ao estudo da memória e de sua implicação para a construção da representação, mais especificamente das representações concernentes à Guerra dos Mil Dias, apreendidas por Garcia Marquez, num primeiro momento, através da figura de seu avô materno. Como bem sabemos por intermédio de Halbwachs, a memória coletiva tira sua força e sua duração dos indivíduos que a lembram, dos grupos.⁷ Mas esta também é modificada por cada um destes indivíduos, cada vez que estes a rememoram, cada vez que a repetem, suas lacunas são preenchidas pelas memórias individuais, pelas representações de cada uma daquelas lembranças⁸.

“Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”⁹.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, Pág. 40

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, Pág. 41

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história** in COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. 1 ed. Uberlândia: Edufu, 2006. Pág. 22

⁷ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2011. Pág. 69

⁸ HALBWACHS, Maurice. Op Cit. Pág 71

⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003. Pag. 57

A premissa é de que tanto *Cem anos de Solidão* quanto *Ninguém Escreve ao Coronel* carregam as representações pessoais de Gabriel Garcia Marquez a respeito da Guerra dos Mil Dias e dos veteranos desta. São espaços de comemoração, no sentido apresentado por Le Goff⁹ Ambas as histórias, uma vez escritas, carregaram para sempre um pensamento característico do período em que foram concebidas, características de uma geração que conviveu com a espera da prometida pensão dos veteranos de guerra. Ao ser escrita, a memória coletiva a cerca da guerra não é só preservada, mas também influenciada e moldada por esta. A memória é escrita e reescrita por todos e dentro de cada um na medida em que é revisitada em conjunto.

Nesse sentido, observa-se em *Cem Anos de Solidão*, o coronel Aureliano Buendia, ainda jovem, estabelecendo uma maneira de vencer o esquecimento quando se encontrava no meio da epidemia da insônia :

“Fue Aureliano quien concibió la fórmula que habia de defenderlos durante vários meses de las evasiones de la memoria. La descubrió por casualidad. Insomne experto, por haver sido uno de los primeros, habia aprendido a la perfección el arte de la platería. Um día estaba buscando el pequeño yunque que utilizaba para laminar los metales, y no recordó su nombre. Su padre se lo dijo: << tas>>. Aureliano escribió el nombre en un papel que pego con goma en la base del yunquecito: tas. Así estuvo seguro de no olvidarlo em el futuro.”¹⁰

Assim como para o jovem Aureliano, para nós a palavra escrita tem um poder petrificação da memória e do ocorrido. No entanto, a palavra escrita é exatamente tão confiável quanto a memória como podemos exemplificar no trecho seguinte:

“Así continuaron viviendo en una realidad escurridiza, momentáneamente capturada por las palabras, pero que había de fugarse sin remedio cuando olvidaran los valores de la letra escrita.”¹¹

¹⁰ GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Cien Años de Soledad**: Edición conmemorativa. 1 ed. Bogotá: Alfaguara, 2007. Pag. 59

¹¹ GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Op. cit. Pag. 60

Ainda nesta linha de pensamento, assim como para todos nós, a memória aqui não é mais que o *Eidolon*, no sentido apresentado por Ricoeur¹², ela pode se aproximar muito mais da imaginação do que esperamos. Desse modo, não podemos contar com sua integridade, assim como não poderiam os habitantes de Macondo:

“En todas las casas se habían escrito claves para memorizar los objetivos y los sentimientos. Pero El sistema exigia tanta vigilância y tanta fortaleza moral, que muchos sucumbieron al hechizo de una realidad imaginaria, inventada por ellos mismos, que les resultaba menos práctica pero más reconfortante.”¹³

Munidos dos conceitos de representação, verossimilhança, memória, memória coletiva, imaginário, *Eidolon*, esperamos apresentar um trabalho que fará juz aos estudos atuais concernentes à história cultural. Desta maneira, então, pretendemos dar eco às palavras de Hunt¹⁴, ao referir-se às de Carr – “Que quanto mais se tornem culturais os estudos históricos, e quantos mais se tornem históricos os estudos culturais, tanto melhor para ambos.”

¹² RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. 1 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007. Pag. 18

¹³ GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Op. cit. Pag. 61

¹⁴ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. Pag. 29

CAPITULO 1

A HISTÓRIA CULTURAL E OS PEIXINHOS DE OURO

Para que uma qualificada análise das representações contidas nas obras de Gabriel Garcia Marquez pudesse tomar forma, era preciso que houvesse sido feita uma análise prévia da historiografia concernente à história cultural. Simplesmente localizar o berço intelectual deste trabalho não seria suficiente, o objetivo aqui é mais prudente, menos simplista e até por isso mais complexo e problemático.

Pretende-se concernir este estudo dentro do âmbito da história cultural, como área de conhecimento da historiografia atual. Mas como localizá-lo com tanta certeza sem uma definição sólida da história cultural?

A tarefa de definir o recorte da história cultural é extremamente complexa e não será feita com a citação pura de um ou dois autores, mas, antes de tudo, a partir da reflexão de dois gigantes da historiografia – Chartier e Hunt – que tratam da história cultural com especial cuidado.

A definição mestra, da qual partimos para esta análise, seria a de Roger Chartier em sua História Cultural.

“As características próprias da história cultural assim definida, que concilia novos domínios de investigação com a fidelidade aos postulados da história social”¹⁵

Carregada de sentido, a definição acima apresenta duas das principais características do recorte da história cultural: O estudo de novos domínios do conhecimento e sua radicação na história social. Para melhor compreendermos o ramo historiográfico da história cultural, seria melhor nos pautarmos por sua origem.

A História Social se apresenta, por mais óbvio que venha a parecer para o leitor, na comunhão entre o campo de conhecimento histórico e o campo de conhecimento da sociologia. O entrelasse afortunado entre os dois campos, embora pareça tímido em comparação à profusão de convergências de que é feita a história cultural, foi de tanto

¹⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil, 1992. Pag. 15

sucesso que a sociologia histórica é hoje um dos subcampos da sociologia que mais rápido se desenvolveu.¹⁶

Embora, como já vimos no último parágrafo, esse encontro de campos não seja uma característica inédita na disciplina histórica, é produto de mais de oitenta anos de pesquisa e trabalho de mestres historiadores como Febvre e Bloch. Tais teóricos são conhecidos como os fundadores da tão evocada *École des Annales* e por com ela lançar as bases para este novo campo teórico.

Este grupo de intelectuais franceses – muitos deles não se consideravam pertencentes a uma “escola” – se inseriam no âmbito da história social e, até por isso, faziam uso de sua base conceitual. Por isso, é importante não perder de vista que a base da história cultural se encontra na história social e estes devem ser analisados como recortes irmãos, e não antagônicos.

O grupo aqui em questão ficou conhecido por seu trabalho rumo à “história total”. Os trabalhos produzidos, principalmente pela primeira e segunda geração dos *Annales*, tinham um viés estruturante e totalizador no sentido de ser demasiado abrangente. Para Hunt, a busca pela “história total” os fazia perder totalmente a especificidade. Um exemplo elucidador seria *O Mediterrâneo*, de Braudel, no qual o autor apresenta uma história sobre a égide do princípio de longa duração, tão ampla e abrangente da região em questão, que figura o indivíduo – que chamará de evento – como poeira ou espuma do mar.¹⁷

É neste meio que a história cultural começa a ganhar forma e a se fazer presente nos trabalhos de grandes intelectuais, sendo Thompson talvez o primeiro. Em seu livro sobre a classe operária inglesa, o autor rejeita o conceito de superestrutura e trabalha com aquilo que chamava de “mediações culturais e morais”¹⁸:

“As relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural e produção cultural – o que não pode ser dedutivamente explicado por referência a uma dimensão extracultural da experiência.”¹⁹

¹⁶ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 01

¹⁷ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 03

¹⁸ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 08

¹⁹ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 09

É também neste meio que surgem trabalhos como *Luther* (1929) e *Rabelais* (1942), duas das mais importantes obras de Febvre, nas quais é feita uma análise focada no indivíduo e na obra, uma análise inserida no campo da história das mentalidades. Assim, fica claro o que postula Hunt: “Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para dar sentido ao seu mundo.”²⁰

Mas como se dá um estudo de tal gênero?

“Febvre sugere aqui uma leitura que postula, para uma dada época, a existência de ‘estruturas de pensamento’ (...) , comandadas elas próprias pelas evoluções socioeconômicas que organizam as construções intelectuais como as produções artísticas, as práticas coletivas como os pensamentos filosóficos.”²¹

É importante lembrar que, à época, os estudos de tal gênero não eram seguramente pertencentes ao subcampo da História das Mentalidades. Tal nomenclatura só era válida para os teóricos franceses, entre outros estudiosos havia muitas outras nomenclaturas como *Intellectual History* – para os estudiosos americanos – ou *Geistesgeschichte* – para os alemães – e cada uma dessas nomenclaturas tem, obviamente, uma abrangência diferente.²²

Mas o que é propriamente a história das mentalidades? É certo que é um estudo que se pauta pelas características psicológicas das mentalidades coletivas, mas talvez a melhor definição seja a mesma a de Le Goff, segundo o qual :

“A mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo.”²³

É preciso deixar claro que o objetivo aqui não é uma genealogia das idéias completamente engessada, mas um trabalho pautado essencialmente nas

²⁰ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 25

²¹ CHARTIER, Roger. Op cit. pag. 35

²² CHARTIER, Roger. Op cit. pag. 29

²³ CHARTIER, Roger. Op cit. pag. 41

descontinuidades. Como escreveu Foucault, não existem objetos intelectuais naturais²⁴, categorias universais, tão pouco permanentes.²⁵

Embora o conceito seja disseminado o suficiente para gerar uma quantidade tão surpreendente de interpretações, para Hunt a história das mentalidades carece de um enfoque claro e para Darnton não há uma concepção coerente do campo de estudo. Nesta crítica à história cultural, Furet vai mais além, pois para o autor “essa falta de definição estimulava uma busca infinita de novos temas”.²⁶

Ainda que muito criticada em seu princípio, muitas vezes com razão, a história cultural seguiu crescendo e abrindo caminho para novos e fascinantes estudos nas mais diversas áreas do conhecimento das humanidades e é nesse nicho que se insere este trabalho, numa humilde comunhão entre história e literatura.

A literatura como fonte histórica se insere aqui nesta fresta aberta dentro da história cultural – dentro de seu grande vendaval de possíveis conciliações entre diferentes áreas de conhecimento das humanidades – e da história das mentalidades – a partir do momento em que a encaramos como um estudo psicológico. Como postulava Pesavento, “A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.”²⁷ É preciso entender que a literatura não se encontra aqui como fonte histórica tradicional, como documento, no sentido de apresentar fatos e personagens de carne e osso. Não há uma busca por verdade ou autenticidade, mas, sim, o seu valor representativo. “O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.”²⁸

Neste trabalho entendemos que a fonte literária tem uma natureza díspar de qualquer documento com compromisso com a verdade, entramos agora no campo da verossimilhança e das suas relações com a ficção.

Aqui é também muito importante deixar clara a importância e a pertinência dos estudos de verossimilhança para um trabalho que tem como fonte uma obra literária. É possível entender verossimilhança, no sentido apresentado por Pesavento, como:

“Ora, o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. Verossímil é o

²⁴ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 09

²⁵ CHARTIER, Roger. Op cit. pag. 65

²⁶ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 12

²⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) Pág. 14

²⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) Pag. 22

provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação portanto.”²⁹

Ainda nessa mesma linha de idéias, é importante entender que o que se busca num estudo que tenha por fonte uma análise literária não é “o real mas as maneiras como os homens o pensam e o transpõe.”³⁰ Um estudo dessa natureza é, portanto, um estudo pautado em representações.

Neste momento adentramos uma encruzilhada metodológica, devemos seguir o caminho de Morelli ou o de Gombrich? Para Morelli, a história é uma ciência, como tantas outras, investigativas. No tangente a um estudo na área cultural, principalmente tendo a arte como objeto devemos nos deparar com um estudo do paradigma indiciatório, no sentido atribuído por Morelli:

“Os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós.”³¹

Em um estudo que se pauta nas representações, nada mais estimulante do que brincar de Sherlock Holmes com a memória de Gabriel Garcia Marquez. É fato que é uma idéia tentadora, mas seria o melhor caminho? Neste trabalho, preferiremos nos pautar pelas idéias um pouco mais severas, mas nem por isso menos acertadas, de Gombrich:

“A obra de arte não deve ser considerada ‘sintoma’ nem ‘expressão’ da personalidade do artista, mas o vínculo de uma mensagem particular, a qual pode ser entendida pelo expectador na medida em que este conhece as alternativas possíveis, o contexto lingüístico em que se situa a mensagem.”³²

Assim, mais do que as ações inconscientes, o que mais deve nos interessar são as ações conscientes, a mensagem que o autor escolheu transmitir.

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) Pag. 16

³⁰ CHARTIER, Roger. Op cit. pag. 62

³¹ GINZBURG, Carlo. Mito, Emblemas e Sinais, 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989. Pag. 146

³² GINZBURG, Carlo. Op cit. Pag. 76

“Os documentos que descrevem as ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los.”³³

Desse modo, interessa-nos o papel do autor na produção de uma obra literária, bem como o dos editores e o dos leitores, os quais têm um papel primordial aqui circunscrito. É possível fazer uma análise tanto da produção intelectual da obra – em seu momento de concepção, ainda com o autor –, do viés mercadológico – a atuação dos editores – e o consumo – quanto à parte que cabe aos leitores que, em seus hábitos de leitura, modificam a obra.

A questão de consumo da obra é essencial. Não devemos nos esquecer de que os leitores não são uma massa compacta e atemporal e que a obra literária tem um impacto sobre o leitor de “maneiras variadas e informais”³⁴

Tendo por base as idéias de Hunt, Chartier, Ginzburg e Pesavento seguimos – no próximo capítulo - em uma análise mais focada nas obras de Gabriel Garcia Marquez que escolhemos como fonte histórica. Essas possibilidades tão plurais de análise abrem caminho para muitos tipos de estudo e dois outros autores bastante representativos, Ricoeur e Halbach. Seguiremos adiante num estudo mais aprofundado dos conceitos de memória, memória coletiva e representação, essenciais para a construção deste estudo.

³³ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 18

³⁴ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 18

CAPITULO 2

A MEMÓRIA É TEMPO³⁵

Este novo capítulo, se inicia com a proposição de um estudo mais centrado nas fontes que se propôs a analisar, as obras de Gabriel Garcia Marquez. Segundo a metodologia escolhida, o estudo se dará em dois livros em particular: *Cem Anos de Solidão* e *Ninguém Escreve Ao Coronel* – especificamente trabalhados, respectivamente, através dos personagens do Coronel Aureliano Buendia e o Coronel, pai de Augustín.

É bem verdade que empresa de tratar de um livro em particular em todo o ambiente da obra de Marquez soa inconcebível a qualquer um de seus leitores. A sua obra, principalmente os livros escritos até *Cem Anos de Solidão*, se inscreve num mesmo universo de personagens, eventos, paisagens, e origem comum. Não é mera coincidência que o prêmio Nobel de literatura alcançado pelo autor seja pelo conjunto de sua obra e não por um livro em particular.

Uma das características mais evidentes desta simultaneidade das obras em questão seja talvez a confluência de personagens. O próprio Coronel Aureliano Buendia se torna virtualmente onipresente ao longo da obra de Garcia Marquez³⁶, aparecendo por vezes como personagem – *Cem Anos de Solidão* – ou as vezes como figura lendárias – *Os Funerais de Mamãe Grande*, *Crônicas de Uma Morte Anunciada*, *o Veneno da Madrugada*, *A Revoada O Enterro do Diabo*.

Outros personagens, menos onipresentes, também se repetem ao longo da história como o Belga, fotografo estrangeiro e enxadrista, que aparece não só em *A Revoada O Enterro do Diabo* como em *Amor nos Tempos do Cólera*; Candida Erendira não se atém a sua novela particular, mas aparece em *Cem Anos de Solidão*; O médico de o Veneno da Madrugada aparece também no conto *Um Dia Desses* em *Os Funerais de Mamãe Grande*; Ou mesmo Rebeca que aparece tanto em *Cem Anos de Solidão* como no conto *A Sesta da Terça-Feira* também de *Os Funerais de Mamãe Grande*; A própria Mamãe Grande não se circunscreve somente ao seu conto, mas também aparece em *Cem Anos de Solidão*.

³⁵ RICOEUR, Paul. Op cit. Pag. 27

³⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 154

Essas aparições e reaparições não são gratuitas. A maioria dos personagens na situação aqui apresentada, reaparecem em trechos de evocação, em histórias de ouvir falar. Garcia Marquez cria suas histórias enredadas num universo simbólico tal que para elas cria inclusive um folclore comum.

Isso se deve ao denominador comum aqui presente, são todas estas obras parte de uma grande história comum. Gabriel Garcia Marquez já aos dezoito anos havia começado a escrever sua obra mais famosa. À época esta tinha outro nome, *La Casa*, pois pensava que a história deveria se circunscrever à casa dos Buendia. O livro não seguiu adiante, mas nem tão pouco foi abandonado pelo autor: “(a história de *Cem Anos de Solidão* continuou rondando sua mente) uns quinze anos mais.”³⁷ Só é possível compreender tal panorama uma vez que se percebe que a história de *Cem Anos de Solidão* é, de alguma maneira comum a todos os outros livros, uma vez que “(*Cem Anos de Solidão* era uma maneira de dar uma saída literária, integral para todas as experiências que de algum modo me tivessem afetado durante a infância.”³⁸

A decisão metodológica de escolher duas das obras de Gabriel Garcia Marquez se pauta por dois fatores essenciais – o papel maior ou menor da guerra nas narrativas e os dois períodos distintos da guerra que ambas narram.

Em *Cem Anos de Solidão* a Guerra dos Mil Dias ganha um papel central na narrativa. A guerra é relatada desde de sua chegada a Macondo e segue, comandada pelo já então mitológico coronel Aureliano Buendia, até o tratado de Neerlandia e a espera pelas pensões dos veteranos.

Em *Ninguém Escreve ao Coronel*, a guerra já toma um viés narrativo distinto, é apresentada como um evento passado. Aqui o Coronel, pai de Augustín, será apresentado como um veterano de guerra à espera de sua pensão, depois de quase meio século finda a guerra.

A análise conjunta dessas duas obras permite um estudo interessante do ponto de vista do estudo das representações. Ambos os coronéis vivem o período pós-guerra, mas de maneiras diferentes: Um como lenda abatida e o outro como oficial em miséria. As duas projeções são de certa forma negativas, mas guardam muitas disparidades interessantes para este estudo.

Retomando as declarações de Garcia Marquez, é importante ter em mente que uma parte muito significativa de ambos os livros – e seus personagens contíguos – de

³⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ:Record, 1985. Pag 93

³⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag. 79

experiências pessoais. Esta afirmação pode ser um pouco óbvia uma vez que tal característica é absoluto lugar comum na literatura, no entanto é a partir de tal premissa que podemos nos dedicar a um intrincado estudo de memória e representação, a respeito do universo literário do autor.

Antes de nos dedicarmos a um estudo das origens ficcionais da obra de Gabriel Garcia Marquez é importante que estabeleçamos o conceito a empregar. O conceito de memória, que será mais adiante tratado em seus pormenores, corresponde ao apresentado por Ricoeur em seu *História, Memória e Esquecimento*. Partindo de tal premissa nos dedicamos então às bases fenomenológicas da escrita de Garcia Marquez.

Se o personagem principal de *La Casa – embrião de Cem Anos de Solidão* – seria a própria casa dos Buendia, a casa dos Marquez também nos é essencialmente significativa e a compreensão de seu papel representativo na memória de Garcia Marquez, decisiva.

Não é por mera alegoria literária que o autor em questão inicia suas memórias em sua viagem de volta à casa, quase duas décadas depois. É casa que reside o material simbólico que servirá de humos para suas obras, das memórias ali construídas e constantemente reconstruídas, a casa – e tudo o que o autor viveu ali – é o pilar de suas histórias.

“Nem minha mãe nem eu, é claro, teríamos podido imaginar que aquele cândido passeio de dois únicos dias seria tão determinante para mim que nem a mais longa e diligente de todas as vidas não me bastaria para acabar de contá-lo. Agora, com mais de setenta e cinco anos bem passados, sei que foi a decisão mais importante de todas as que tive de tomar na minha carreira de escritor. Ou seja: em toda a minha vida.”³⁹

Garcia Marquez viveu até os oito anos na casa de seus avós, a emblemática casa de Aracataca. Sua mãe, dona Luíza Santiaga, viajou até a casa dos pais para ali dar a luz a seu primogênito. Por motivos nunca realmente especificados⁴⁰, os pais de Gabriel

³⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) P. 09

⁴⁰ MARTIN, Gerard. **Gabriel Garcia Marquez: Uma vida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010. P. 60

Garcia Marquez foram embora deixando o filho para ser criado pelos avós maternos, o pequeno Marquez só voltaria a ver sua mãe com sete anos⁴¹.

Tal constituição familiar foi decisiva para a construção de Garcia Marquez como escritor: Sua relação com seu avô marca a construção de sua percepção do mundo masculino e de suas representações acerca da Guerra dos Mil Dias⁴²; de sua relação com sua avó advém seu contato com o universo do fantástico, com todo um constructo de superstições.⁴³

“Não consigo imaginar um meio familiar mais propício para a minha vocação que aquela casa lunática, em especial pelo caráter das mulheres que me criaram.”⁴⁴

Gabriel Garcia Marquez cresceu numa casa cheia de mulheres, sendo ele e seu avô os únicos homens. A relação construída entre os dois foi de muita cumplicidade, o avô era a figura mais importante e mais querida na vida de Garcia Marquez.⁴⁵ O avô, que o tratava de “meu pequeno Napoleão”⁴⁶, é dessa relação tão próxima que advém boa parte de suas memórias infantis, deste círculo de memória coletiva.

É preciso levar em conta, em primeiro lugar, que nossa memória coletiva em geral é partilhada com mais de um grupo que se interseccionam⁴⁷, cada grupo alimentando a memória coletiva com afecções individuais e únicas, ainda que compartilhadas.

A casa de Aracataca como um todo seria um círculo de memória a explorar, no entanto, nos fixaremos aqui no círculo de memória constituído entre neto e avô. Para que fique perfeitamente claro o conceito aqui proposto, o definimos: compreendemos a existência e a persistência da memória através do que chamaremos aqui de círculos de memória. A partir de tais círculos seremos capazes de apreender a maneira como a rememoração coletiva molda e seleciona a memória, transforma a lembrança. Tal estudo será feito a partir não só da obra que nos é objeto, mas do contexto tão complexo na qual foi concebido.

O círculo de memória aqui é esse espaço de troca e não de coesão. Como bem sabemos por intermédio de Halbwachs, a memória coletiva tira sua força e sua duração dos indivíduos que a lembram, dos grupos.⁴⁸ Mas esta também é modificada por cada

⁴¹ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 27

⁴² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 82

⁴³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985. Pag 15

⁴⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) P. 82

⁴⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 16

⁴⁶ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 57

⁴⁷ HALBWACHS, Maurice. Op. cit. Pag. 52

⁴⁸ HALBWACHS, Maurice. Op. cit. Pag. 69

um destes indivíduos, cada vez que estes a rememoram, cada vez que a repetem, suas lacunas são preenchidas pelas memórias individuais, pelas representações de cada uma daquelas lembranças⁴⁹.

É preciso levar em conta, em primeiro lugar, que nossa memória coletiva em geral é partilhada com mais de um grupo que se interseccionam⁵⁰, cada grupo alimentando a memória coletiva com afecções individuais e únicas, ainda que compartilhadas. Esses grupos, esses círculos de memória, aqui muito nos interessam.

A memória, para Ricoeur, não é, em absoluto, pura. É uma prolífica união entre conhecimento e sensação.⁵¹ E bem sabemos que a memória é tão mais interiorizada em um indivíduo, a medida que é reforçada por sedimentações de sentimento. Do sentimento aqui, a relação de Garcia Marquez com seu avô.

“Seria ele (Gabriel Garcia Marquez) quem herdaria as memórias do velho coronel, sua filosofia de vida e sua moralidade política, além da visão de mundo; O coronel viveria através dele. Foi o avô quem lhe contou sobre a Guerra dos Mil Dias, sobre os próprios feitos e os de seus amigos, todos liberais heróicos.”⁵²

O avô de Gabriel Garcia Marquez constitui muito das representações do autor em questão a respeito da Guerra dos Mil Dias. Mas se não podemos dizer que são todas, podemos afirmar que são as primeiras e a reiteração destas durante toda a infância, além do laço emocional entre o pequeno Garcia Marquez e sua fonte, tornam os relatos de seu avô, relatos de importância definitiva.

O próprio Gabriel Garcia Marquez afirma que seu avô só é personagem puro em *O Enterro do Diabo*, onde é apresentado como um coronel sem nome – assim como em *Ninguém Escreve ao Coronel*.⁵³ No entanto o autor não nega que muitos de seus personagens tomaram forma a partir de seu avô, se misturando depois com elementos de muitos outros conhecidos. Mas de personagens, trataremos melhor mais adiante.

⁴⁹ HALBWACHS, Maurice. Op. cit. Pag. 71

⁵⁰ HALBWACHS, Maurice. Op. cit. Pag. 52

⁵¹ RICOEUR, Paul. Op. cit. Pag. 28

⁵² MARTIN, Gerard. Op. cit. Pag. 79

⁵³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op. cit. (1985) Pag. 17

O que nos interessa aqui é a construção do imaginário de Garcia Marquez acerca da Guerra dos Mil Dias, a utensilhagem mental⁵⁴ - conceito de Febvre -, e como este foi criado a partir do círculo de memória que o autor divide com seu avô.

“Muitas vezes me havia falado da guerra civil... e daí surgiu o interesse que aparece em todos os meus livros por esse episódio histórico.”⁵⁵

A Guerra dos Mil Dias e suas consequências, como o período conhecido como *La Violência*, tem um papel muito importante no imaginário do autor. Não só por ter vivido o segundo período⁵⁶, mas pelas consequências para a sua narrativa e para a maneira como constrói seus livros. Tanto *Ninguém Escreve ao Coronel*, como *Cem Anos de Solidão* derivam de dois outros livros seus sobre o período de *La Violência*.

O Outono do Patriarca - livro que tem uma interessante relação com o personagem do Coronel Aureliano Buendia, como veremos mais adiante – trata do fim da vida de um ditador, um ditador que concerne todos os outros ditadores do Caribe. O livro foi interrompido para dar lugar à escrita de *Cem Anos de Solidão*. Já o *Veneno da Madrugada*, que trata do período de *La Violencia*, foi interrompido para dar lugar à execução de *Ninguém Escreve ao Coronel*.⁵⁷ Os quatro livros giram em torno da Guerra dos Mil Dias, um dos fantasmas narrativos de Garcia Marquez.

O Coronel Nicolás Marquez conquistou tal patente – como muitos outros de seus companheiros⁵⁸ – em meio à guerra e não devido a academicismos. Lutou pela causa dos liberais, uniu-se às tropas de Uribe Uribe com trinta e cinco anos e lutou ao lado deste nas províncias da Guajira, Padilla e Magdalena.⁵⁹

A longa guerra, com poucas vitórias relevantes por parte dos liberais, teve seu fim em outubro de 1902. É bem verdade que a guerra não terminou ali em definitivo e que um novo tratado – o de Winsconsin – seria firmado no mês seguinte. Mas para o Coronel Márquez a guerra, propriamente dita, acabou ali em Neerlandia. O acordo de

⁵⁴ CHARTIER, Roger. Op cit. Pag. 38

⁵⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 17

⁵⁶ MARTIN, Gerard. Op. cit. P. 198

⁵⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 103

⁵⁸ JARAMILLO, Carlos Eduardo. **Guerra de los Mil Días: Reclutamientos, ascensos y deserciones** . in: Biblioteca Virtual del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121guerra.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

⁵⁹ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 40

paz foi inclusive levado ao acampamento dos liberais por um dos filhos naturais do coronel José Maria Valdeblanquez, que lutava pelos conservadores⁶⁰ - deste trataremos melhor mais adiante.

Foi na fazenda de Neerlandia – embaixo da castanheira centenária – que o tratado foi assinado. O coronel – à época – gozava do posto de intendente geral.⁶¹ O governo conservador prometeu aos veteranos da guerra – dos dois lados – uma pensão vitalícia, pensão esta que incluía fundos para inclusive retirar os soldados liberais do acampamento de Neerlandia. Os soldados acabaram por voltar para casa com seus próprios meios financeiros, mas não deixaram de esperar pela pensão. Também não deixou o coronel Marquéz e sua família.

“Depois que foi promulgada a lei das pensões de guerra ele preencheu os requisitos para obter a sua, e tanto ele como sua esposa e seus herdeiros mais próximos continuaram esperando a pensão até a morte.”⁶²

Essas memórias construídas junto com seu avô a respeito da guerra são a matéria prima para nossa análise aqui de dois de seus personagens o Coronel Aureliano Buendia – onipresente, mas aqui essencialmente tratado em *Cem Anos de Solidão* – e o Coronel inominado – de *Ninguém Escreve ao Coronel*. As análises serão feitas do ponto de vista da representação, numa busca da essência de ambos, da construção da Guerra dos Mil Dias e seus veteranos aos olhos de Gabriel Garcia Marquez.

É importante reforçar aqui o propósito deste estudo. Muito mais que esmiuçar os personagens de *Cem Anos de Solidão* ou a infância de seu autor, este estudo se propõe a uma análise da memória coletiva construída ao redor do texto de Garcia Marquez.

Um texto não deve ser jamais analisado como idéia pura. Ele é, antes de tudo, uma comunhão entre autor e leitor, na qual os dois trocam significado através do consumo de uma obra. Como dito anteriormente, as leituras de um texto são plurais e doadoras de significado. “O que importa, tanto quanto a idéia e talvez mais, é a encarnação da idéia, os seus significados, o uso que dela se faz.”⁶³

Assim, é importante perceber o elo que se constrói entre as idéias do autor e de seus leitores. Não estou aqui propondo que Garcia Marquez inventou suas idéias e, a

⁶⁰ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 41

⁶¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 40

⁶² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 78

⁶³ CHARTIER, Roger. Op cit. Pag. 48

partir de seus livros, as disseminou para o mundo. Longe disso. Como já tratamos longamente a respeito, as representações do autor advêm de suas relações de afecção com seus parentes e amigos, de uma memória coletiva com estes construída, memória esta que impregna seus livros. Sendo assim, o consumo de sua obra apresenta ao leitor toda uma utensilhagem mental, para usar o termo de Goldman, acerca da Guerra dos Mil Dias. Compreendemos aqui o texto então não como mero veículo de idéias, mas reconhecemos uma força modificadora na palavra. Nas palavras de Hunt, “As palavras não refletiam apenas a realidade (...) eram instrumentos de transformação da realidade”.⁶⁴

Seguindo esta linha de percepção, é importante levar em conta a dimensão que a obra de Garcia Marquez alcançou nas últimas décadas. Somente *Cem Anos de Solidão* já foi traduzida para mais de dezesseis línguas. Nas palavras do próprio autor, vende como cachorro-quente.⁶⁵ Com esta cifra em mente podemos compreender a amplitude que as representações do autor a respeito da Guerra dos Mil Dias ganharam. Se levarmos em conta que a leitura de *Cem Anos de Solidão* ou *Ninguém Escreve ao Coronel* pode ser o primeiro contato com a guerra de muitos de seus leitores, as representações ali contidas ganham uma abrangência virtualmente mundial. Assim sendo podemos dar continuidade ao estudo aqui proposto.

CAPITULO 3

SOLIDÃO

⁶⁴ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 23

⁶⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 98

A personagem do coronel Aureliano Buendia é - talvez depois da casa dos Buendia em si - a central em *Cem Anos de Solidão*. Mas, até por isso, antes de compreendê-lo, é necessário compreender a casa.

Como já tratamos anteriormente, *Cem Anos de Solidão* é um espaço de expurgo narrativo dos fantasmas da infância de Garcia Marquez:

“Eu só quis deixar um testemunho poético do mundo da minha infância, que, como você sabe (Apuleyo Mendonza), transcorreu numa casa grande, muito triste, com uma irmã que comia terra e uma avó que adivinhava o futuro, e numerosos parentes de nomes iguais que nunca fizeram muita distinção entre a felicidade e a demência.”⁶⁶

Como Garcia Marquez declara neste trecho de Cheiro de Goiaba, a casa dos Buendia seria um testemunho poético da casa de Aracataca e de todos que nela viviam. Muitos de seus personagens que “são como quebra-cabeças armados com peças de muitas pessoas diferentes e, é claro, quem com peças de mim.”⁶⁷ aparecem em *Cem Anos de Solidão* com características tais que é impossível não ligá-los a alguns de seus parentes. Para Garcia Marquez sua mãe seria sua leitora arqueóloga:

“De todos os meus leitores, ela é o que na realidade tem mais instinto e, naturalmente, mais dados para identificar na vida real os personagens dos meus livros. (...) Ela elimina por puro instinto as peças acrescentadas e reconhece a vértebra primária e essencial em torno da qual construí o personagem.”⁶⁸

Assim como sua mãe, é possível perceber na casa dos Buendia uma série de personagens forjados sobre pessoas do foro íntimo do autor, as quais ele dá vida as vezes nem sem nem sequer trocar no nome. Podemos aqui brevemente citar alguns: José Arcadio Buendia – quem tem com o coronel Nicolás Marquez um assassinato em nome

⁶⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 79

⁶⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 19

⁶⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 19

da honra em comum; Ursula – que seria para Marquez o retrato fiel de sua mãe⁶⁹; Rebeca – a pequena menina que come terra em sua cadeirinha de balanço, assim como sua própria irmã o fazia; Amaranta – que cozeu sua própria mortalha assim como tia Mama⁷⁰ ou Mercedes – a bisavó criança que não era ninguém mais que sua tia Margarita, morta de tifo aos vinte e um anos.⁷¹

O coronel Aureliano Buendia igualmente foi forjado a partir de pessoas de carne e osso. No entanto, apesar da impressão inicial, não é do avô de Garcia Marquez que se constitui sua “vértebra primaria e essencial”⁷². O coronel Aureliano Buendia é, na verdade, principalmente baseado no general Rafael Uribe Uribe, líder dos exércitos Liberais durante a Guerra dos Mil Dias.⁷³

Desta informação, podemos fazer uma análise da representação de Uribe que tinha Gabriel Garcia Marquez. Para o autor a representação vem intermediada por sua avó uma vez que esta o conheceu pessoalmente, quando recebeu a visita de Uribe em sua casa⁷⁴. Garcia Marquez nunca chegou a conhecê-lo pois ainda não havia nascido em tal época. Para Márquez, a representação que fica é a que sua avó lhe transmitiu, a partir de seu círculo de memória: Uribe era um perfeito militar, tinha o bigode negro de pontas, o rosto cor de cobre e vestia botas altas.⁷⁵

Sobre o estudo dos personagens podemos relembrar o que disse Pesavento:

“Existiram (os personagens) enquanto possibilidade, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na ‘verdade do simbólico’ que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.”⁷⁶

⁶⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 20

⁷⁰ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 66

⁷¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 45

⁷² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 19

⁷³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 18

⁷⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 36

⁷⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 18

⁷⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit(2006), pag. 15

A personagem do Coronel Aureliano Buendia não é, em absoluto, estática – até porque a característica genealógica do romance não permite. Buendia é apresentado desde seu nascer até a morte e, como leitores, acompanhamos as mudanças de sua sorte e seu caráter. Muitas dessas mudanças acompanham os reveses da guerra e isso aqui muito nos interessa.

A personagem de Aureliano, antes de ser coronel, é representada sempre como taciturna e frágil. O estigma da introversão de Aureliano não lhe é única, como o próprio autor declara:

“Os José Arcádios prolongam a estirpe, mas não os Aurelianos. Com uma única exceção, a de José Arcadio Segundo e Aureliano Segundo, provavelmente porque sendo gêmeos exatamente iguais foram confundidos na infância.”⁷⁷

Mesmo ao se casar, mesmo ao conhecer seus dezessete filhos naturais, a sorte tira de Aureliano seus herdeiros. O personagem se constrói assim como um ser solitário, principalmente antes e depois da guerra. Seu único vislumbre de felicidade inocente foi durante sua curta união com Remédios, cujo fim marca também seu despertar para as contrariedades políticas e a guerra.

Seu primeiro contato com as tensões políticas se dá com as eleições que acontecem em Macondo. Nas vésperas, seu sogro, Don Apolinar Moscote lhe apresenta a distinção entre os partidos Liberal e Conservador. Nesta primeira menção dos dois partidos na narrativa de *Cem Anos de Solidão*, ambos são descritos a partir do prisma ideológico de um conservador.

“Los liberales, le decía, eran masones; gente de mala índole, partidaria de ahorcar a los curas, de implantar el matrimonio civil y el divorcio, de reconocer iguales derechos a los hijos naturales que a los legítimos, y despedazar al país en un sistema federal que despojara de poderes a la autoridad suprema. Los conservadores, em cambio, que habiam recibido el poder directamente de Dios, propugnabam por la estabilidad del ordem público

⁷⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 95

y la moral familiar; eram los defensores de la fe em Cristo, del principio de autoridad, y no estaban dispuestos a permitir que el país fuera desmenuzado em entidades autónomas.”⁷⁸

Aqui, ambas as ideologias são apresentadas a Aureliano por um amigo íntimo – um sogro querido, com quem jogava dominó todas as noites⁷⁹ - e com quem viria a discordar muito severamente. Aqui se inaugura uma dicotomia de sobreposição que se perpetuará por toda a narrativa.

Apesar de o personagem principal ser do partido liberal, este não é um momento nenhum divinizado nem muito menos tratado com ingenuidade. A violência e a corrupção de ambos os lados é largamente tratada ao longo da obra – mesmo dentro do próprio Coronel Aureliano Buendía.

Nesta análise de viés dialógico⁸⁰, é possível ainda tratar dessa dicotomia de sobreposição dentro da própria família de García Márquez. Seu avô Coronel Nicolás Márquez, lutou ao lado dos liberais durante a guerra e seu pai, Gabriel Elígio García era membro do partido conservador. Essa dupla linhagem partidária permitiram que o embate político estivesse sempre não só presente, mas palpável, para o pequeno García Márquez, o que permitiu a este, desde pequeno construir uma percepção um pouco mais dialogada entre ambas as ideologias.

“As razões contra Gabriel Elígio se agravaram por ele ser um membro ativo do Partido Conservador, contra o qual o coronel Nicolás Márquez tinha lutado suas guerras. A paz tinha sido feita mas só em parte desde as assinaturas dos tratados de Neerlandia e Winsconsin, pois o centralismo de raiz continuava no poder e haveria de passar muito tempo antes que os conservadores e liberais deixassem de mostrar os dentes uns aos outros.”⁸¹

Aqui também não carregamos a ilusão de que Márquez seja imparcial em sua narrativa, por certo não. Mas este claramente se empenha em tentar humanizar ambos os

⁷⁸ MARQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2007). Pag. 116

⁷⁹ MARQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2007). Pag. 117

⁸⁰ HUNT, Lynn. Op cit. Pag. 154

⁸¹ MARQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2009) Pag. 53

partidos, apresentando picos de violência e de heroísmo em ambos, como veremos mais a seguir. Garcia Marquez trata inclusive de inserir na sua narrativa momentos de confusão entre ambas as ideologias como quando o coronel Aureliano Buendia mandou consertar a torre da igreja em Macondo, o padre Nicanor definiu a situação política de então:

“Esto es un disparate: los defensores de la fe de Cristo destruyen el templo y los masones lo mandan a componer.”⁸²

Desde a conversa com seu sogro a respeito de ambos os partidos Liberal e Conservador, Aureliano demonstra uma certa preferência, pois seus sentimentos humanistas o levavam a simpatizar com a causa dos filhos naturais.⁸³ No episódio em que seu sogro lhe confia o logro de corrupção para garantir a vitória dos conservadores, Aureliano se afasta da visão política de Moscote e declara: “Si hay que ser algo, seria liberal (...) porque los conservadores son unos tramposos.”⁸⁴

No entanto, sua verdadeira conversão à causa do partido liberal só se daria muito depois das eleições. Os assomos de violência que se seguiram à chegada de tropas em Macondo, despertaram na personagem o ímpeto de se juntar a guerra.

Já neste primeiro momento, Garcia Marquez apresenta o viés violento de Aureliano Buendia – que ao fim da passagem se auto intitula coronel – no trecho em que ele e seus companheiros fuzilam os soldados conservadores.⁸⁵

Durante todo o período da Guerra dos Mil Dias presente na narrativa – aqui ela conta cerca de vinte anos⁸⁶ - os episódios de violentos vão se tornando cada vez mais freqüentes e mais intensos. A diferença aqui reside entre as tropas de ambos os partidos: enquanto o partido conservador continua com uma prática violenta estável, os avanços liberais são retratados com crescente violência. O general José Raquel Moncada – um conservador - é retratado como um homem justo e até simpático, nas palavras de Ursula:

“Es el mejor gobernante que hemos tenido en Macondo (...) Ni siquiera tengo nada que decirte

⁸²MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 159

⁸³MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 117

⁸⁴MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 118

⁸⁵MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 123

⁸⁶MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 197

de su buen corazón, Del afecto que nos tiene, porque tu lo conoces mejor que nadie.”⁸⁷

Já o Coronel Aureliano Buendia, após a cena de sua fuga do pelotão de fuzilamento, é retratado, crescentemente, como despótico, violento, vingativo e por vezes irracional. Após a constatação da morte do general Victório Medina, o Coronel Aureliano Buendia é proclamado general e chefe das forças revolucionárias do litoral do Caribe.⁸⁸ O coronel havia declarado uma “guerra total” contra o regime conservador.⁸⁹

O coronel se torna então um homem paranóico, como expressa ao fim do atentado contra um de seus inimigos políticos: “El mejor amigo (...) es el que acaba de morir.”⁹⁰ que, depois de escapar a quatorze atentados e setenta e três emboscadas⁹¹, já não permite que nem sequer sua mãe se aproxime dele a menos de três metros.⁹² Nesta mesma passagem, Ursula revela sua inquietação com as transformações do filho: “Dios mio (...) Ahora parece un hombre capaz de todo.”⁹³

O coronel se torna então responsável por atentados contra a vida de inimigos políticos seus dentro do próprio partido liberal⁹⁴, pela destruição da casa da viúva do general Moncada⁹⁵, o coronel chegou inclusive a acusar de alta traição o seu amigo, coronel Guerineldo Marquez, resistindo a retirar a sentença de morte até o último minuto.⁹⁶

Talvez a passagem mais emblemática aqui seja a conversa entre o General Moncada e o Coronel Aureliano Buendia, na véspera da execução do primeiro.

“Lo que me preocupa – agrego – que de tanto odiar a los militares, de tanto combatirlos, de tanto pensar en ellos, has terminado por ser igual a ellos. Y no hay un ideal en la vida que merezca tanta abyección. (...) A este paso – concluyó – no solo serás el dictador más despótico y sanguinario

⁸⁷MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 185

⁸⁸MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 154

⁸⁹MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 155

⁹⁰MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 195

⁹¹MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 123

⁹²MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 183

⁹³Idem

⁹⁴MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 194

⁹⁵MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 193

⁹⁶MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 199

de nuestra historia, sino que fusilarás a mi comadre Úrsula tratando de apaciguar tu conciencia.”⁹⁷

Em cheiro de Goiaba, Garcia Marquez trata da construção do personagem do coronel Aureliano Buendía, do que teria acontecido caso este tivesse vencido a guerra:

“ – Num dado momento, escrevendo o romance, tive a tentação de fazer o o coronel tomar o poder. Se tivesse sido assim, em vez de Cem Anos de Solidão teria escrito o Outono do Patriarca.

- Devemos acreditar que, por uma fatalidade do nosso destino histórico, quem luta contra o despotismo corre grande risco de se transformar a si mesmo num déspota ao chegar ao poder?”⁹⁸

Esta representação dos liberais como violentos não é gratuita. A partir de outubro de 1900, a guerra chegou a um patamar de “até a morte”, nenhum dos dois lados fazia mais prisioneiros.⁹⁹ Se tornaram “Homens Míopes para o bem e para o mal”, como em Nostromo, de Joseph Conrad.¹⁰⁰ A figura do General Martín, El Negro, homem de extração humilde que chegou a ser uma das mais nobres figuras entre os liberais, principal guerrilheiro de Tolima, entra aqui como uma feliz exceção:

“Conmueve la respuesta de Marín a alguien que le preguntó por qué él no fusilaba a sus presos como los estaban fusilando los conservadores: "No lo haré, porque entonces, ¿en qué está la diferencia?"¹⁰¹

A violência crescente nos últimos anos da guerra não surtiu efeitos positivos para o Partido Liberal. Seus exércitos reduzidos e inferiormente armados, já não faziam uma frente realmente perigosa ao Partido Conservador.¹⁰² Já no seu fim “o centro de

⁹⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 187

⁹⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 80

⁹⁹ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 39

¹⁰⁰ JARAMILLO, Carlos Eduardo. Reflexiones sobre la guerra de los Mil Días. In: Biblioteca virtual Del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121reflexiones.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

¹⁰¹ Idem

¹⁰² MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 383

gravidade moveu-se vagarosamente para o norte, em direção às regiões costeiras do Atlântico”.¹⁰³ Foi o início do fim. Os liberais já não venciam uma batalha desde Palonegro, quando liderados pelo General Uribe Uribe e as derrotas sucessivas os levaram para o acordo de paz de Neerlandia, após a derrota em Cienága.¹⁰⁴

As representações deste período de derrota e incertezas se encontram em *Cem Anos de Solidão*. Embora por vezes o Coronel Aureliano Buendia tenha algumas vitórias – como a tomada de Riohacha e a retomada de Macondo – em geral o seu quadro é de derrotas, derrotas e desilusão com os rumos do Partido Liberal.

“Cuando se recibían noticias de nuevos triunfos liberales se proclamaban con bandos de júbilo, pero él medía en los mapas su verdadero alcance, y comprendía que sus huestes estaban penetrando en la selva, defendiéndose de la malaria y los mosquitos, avanzando en sentido contrario al de la realidad. (...) ‘Estamos perdiendo el tiempo mientras los cabrones del partido estén mendigando un asiento en el congreso’.”¹⁰⁵

As representações que se constroem a partir deste ponto da narrativa são de que a guerra acabou por perder seu sentido em meio à violência desmedida e à corrupção de ambos os partidos. Em uma conversa com o seu amigo, coronel Gerineldo Marquez, o coronel Aureliano Buendia chega à conclusão de que está agora lutando apenas por orgulho e critica seu companheiro de armas quando este afirma estar lutando pelo Partido Liberal: “Pelear como tu por algo que no significa nada para nadie.”¹⁰⁶

O coronel Aureliano Buendia passa a demonstrar uma profunda descrença do sentido da guerra. Em agravo às suas dúvidas, em outro momento da narrativa, o coronel recebe emissários do Partido Liberal que vinham negociar um tratado de paz, no qual propunham esquecer os ideais liberais do início da guerra.

“Pedían, en primer término, renunciar a la revisión de los títulos de propiedad de la tierra para recuperar el apoyo de los terratenientes liberales. Pedían, en segundo termino, renunciar a

¹⁰³ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 39

¹⁰⁴ MARTIN, Gerard. Op cit. Pag. 40

¹⁰⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 159

¹⁰⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 161

la lucha contra la influencia clerical para obtener el respaldo del pueblo católico. Pedían, por último, renunciar a las aspiraciones de igualdad de derechos entre los hijos naturales y los legítimos para preservar la integridad de los hogares.

- Quiere decir (...) que solo estamos luchando por el poder.

- Son reformas tácticas. (...) Por ahora, lo esencial es ensañar la base popular de la guerra. Después veremos.

- (...) Quiere decir, em síntesis, que durante casi veinte años hemos estado luchando contra los sentimientos de la nación.”¹⁰⁷

O desconcerto do Coronel é tal que depois do tratado de Neerlandia, este atenta contra sua própria vida, atirando contra o próprio peito. Situação da qual só sobreviveu por um daqueles recursos “de sublime ridículo”¹⁰⁸ tão característicos da obra de Gabriel Garcia Marquez, recursos estes que nos acostumamos a chamar de “fantástico”. Garcia Marquez define de uma maneira bastante diferente, chama esta característica tão própria de *Cem Anos de Solidão* de Bolero. Para melhor entender esta alusão é necessário usar da definição de Apuleyo Mendonça:

“Bolero, a expressão musical mais autenticamente latino-americana, é em aparência de um desmedido sentimentalismo: mas tem também uma piscadela, um exagero assumido com humor, um ‘não entenda ao pé da letra’ que só, ao que parece, os latino-americanos conseguem captar. Como os adjetivos de Borges.”¹⁰⁹

As representações contidas em *Cem Anos de Solidão*, a respeito da Guerra dos Mil Dias e seus veteranos, em geral giram em torno de sentimentos negativos. Contamos, aqui neste capítulo, representações acerca de violência desmedida por parte

¹⁰⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 197

¹⁰⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 78

¹⁰⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 77

dos liberais, corrupção, confusões ideológicas, uma guerra vazia de sentido e do fracasso dos exércitos liberais e seus ideais.

O bolero triste contado aqui por Garcia Marquez tem seu fim muito adiante, numa tarde solitária de outubro em que morre o coronel Aureliano Buendia. Uma lenda viva para todos, mas um velho triste, taciturno e ensimesmado exatamente como foi na juventude. O ciclo do Coronel Aureliano Buendia é o que dá o nome ao livro, um ciclo de solidão. Como havia reparado Úrsula, quando conheceu seus dezessete netos naturais que só tinham uma coisa em comum: “Todos con um aire de soledad que no permitia por em duda el parentesco.”¹¹⁰

Ainda tratando de boleros, é durante a firma do tratado de Neerlandia, em *Cem Anos de Solidão*, que aparece a segunda personagem a que nos propomos analisar. O coronel, de Ninguém Escreve ao Coronel, aparece como o tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo que trazia, para a surpresa de todos, os fundos da revolução que todos acreditavam perdidos pela corrupção.¹¹¹

CAPITULO 4

¹¹⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 177

¹¹¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 206

NÃO SE PREOCUPE – CONSOLOU O CORONEL – O CORREIO CHEGA AMANHÃ¹¹²

Neste capítulo nos dedicaremos à análise do livro *Ninguém Escreve ao Coronel*, escrito por Garcia Marquez em 1961. Antes de tratarmos da narrativa propriamente, nos dedicaremos a análise da ocasião da concepção do livro que nos é aqui interessante, uma vez que este transparece muito dos sentimentos e afecções do próprio autor a época.

O livro foi escrito em Paris, numa época em que Gabriel Garcia Marquez esperava uma carta. Assim como o Coronel em questão, Garcia Marquez esperava a chegada de dinheiro por carta, um dinheiro vindo da Colômbia, um dinheiro que teimava em não chegar.¹¹³

A ditadura colombiana de Rojas Pinilla, havia então se agravado e o cerco passara a se fechar sobre os jornais de esquerda. O El Heraldito, jornal que tinha Marquez como correspondente em Paris, tinha sido fechado.¹¹⁴ A partir de então o autor em questão passou um longo inverno de frio e miséria, sem ter como pagar a passagem de volta.

À época Gabriel Garcia Marquez, como já tratamos anteriormente, interrompeu a escrita de *O Veneno da Madrugada* para dar corpo a *Ninguém Escreve ao Coronel*. A personagem principal do livro, o inominado Coronel, vive também dias de amarga espera por uma carta que poria fim à sua desventura. Seria esse mais um dos livros confessionais de Marquez, devidamente codificado, é verdade¹¹⁵, mas não só.

Aqui, novamente, muito nos interessa compreender a construção da personagem em questão. O coronel Aureliano Buendia, como já havíamos tratado anteriormente, tem em sua “vértebra primária e essencial” o general Rafael Uribe Uribe, acrescido de peças de seu avô, o Coronel Nicolás Marquez. Já a personagem do Coronel, de *Ninguém Escreve ao Coronel*, tem sua “vértebra primária e essencial” fixada tão somente no avô em questão.

¹¹² GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Op cit. (2010) Pag. 33

¹¹³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 74

¹¹⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 73

¹¹⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 69

O livro guarda preciosas imagens, que aqui chamaremos de *Eidolon*¹¹⁶, a respeito dos veteranos da Guerra dos Mil Dias que esperaram desafortunadamente pela chegada de sua pensão de guerra. Guarda também memória, no sentido atribuído por Ricoeur, construída dentro do círculo de memória concernido pelo autor e seu avô.

Trataremos então a partir de agora desta personagem tão rica em símbolos, o Coronel, de *Ninguém Escreve ao Coronel*. Por ser inominado em seu livro, será aqui tratada sempre como Coronel, tão somente, assim como no livro a que se circunscreve.

Uma das impressões mais fortes logo no início da narrativa – talvez apenas depois da extrema pobreza em que vivia o coronel – é a constante e melancólica menção ao mês de outubro. Embora seja um dos símbolos máximos do livro aqui analisado, essa menção não lhe é exclusiva.

“Outubro seria sempre o mês mais desolador e mais triste, tempo de augúrio maléfico nos romances de Gabriel Garcia Marquez.”¹¹⁷

Em *Ninguém Escreve ao Coronel*, o mês de outubro é o mês de chuvas torrenciais e intermináveis, um mês de vísceras em convulsão. Em *Cem Anos de Solidão*, o mês de Outubro foi o escolhido para a morte do Coronel Aureliano Buendía.¹¹⁸ Seria essa escolha um mero acaso da narrativa? Talvez não. O próprio Marquez revela Cheiro de Goiaba como foi difícil para ele matar o coronel, aquele era um momento de profunda tristeza.

“Quando terminei o capítulo (da morte do coronel Aureliano Buendia), subi para o segundo andar da casa, onde estava a Mercedes. Soube o que havia ocorrido quando viu a minha cara. ‘O coronel morreu’, disse. Deitei-me na cama e fiquei chorando duas horas.”¹¹⁹

Esta representação negativa a respeito do mês de outubro pode ter sua origem numa série de fatos negativos que se deram ao longo dos anos no seio daquela família liberal. O mês de outubro foi o mês em que o coronel Nicolás Márquez matou Medardo Pacheco.¹²⁰ O assassinato em defesa da honra, levaria a família da província

¹¹⁶ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 27

¹¹⁷ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 46

¹¹⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 305

¹¹⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 37

¹²⁰ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 42

onde vivia, levaria o coronel Nicolás Marquez a cumprir um ano de sentença na prisão de Santa Marta.¹²¹ O avô de Garcia Marquez lhe diria sempre, em tom de desconsolo: “Você não sabe o quanto pesa um morto”.¹²² Outubro também é o mês do violento assassinato do general Rafael Uribe Uribe, tão caro à família dos Garcia Márquez.

Essas afecções – *aisthesis* - foram tão duramente marcadas na memória de Garcia Marquez – *thupos*¹²³ - que este mesmo tema toma forma em *Cem Anos de Solidão*, na figura de José Arcadio Buendia e Prudencio Aguilar.¹²⁴ Pois assim funciona a memória :

“É que a afecção produzida graças à ‘sensação na alma e na parte que a conduz’ seja considerada uma espécie de pintura (*zōgraphēma*) ‘da qual dizemos que é a memória’.”¹²⁵

As histórias de Garcia Marquez estão sempre repletas de pequenos fragmentos de histórias reais, como ele mesmo disse: “A melhor fórmula literária é sempre a verdade”.¹²⁶ Dessa mesma maneira, *Ninguém Escreve ao Coronel*, também esta repleta de representações, cuja análise aqui muito nos interessa, a respeito da espera pela pensão dos veteranos da Guerra dos Mil Dias.

Ao fim do tratado de Neerlandia, foi promulgada a lei das pensões vitalícias para veteranos de guerra. Essa lei, que abrangia veteranos tanto do Partido Conservador quanto do Partido Liberal, nunca realmente entrou em vigor. Milhares de veteranos de guerra esperaram por décadas que a burocracia colombiana lhes concedesse o benefício, a maioria deles morreu esperando.

“Zangou-se o coronel, pela primeira vez dando-se conta de sua solidão – todos os meus companheiros morreram esperando o correio.”¹²⁷

Esse quadro de abandono seria ainda mais intenso na região caribenha da Colômbia, onde a maior parte dos veteranos pertencia ao partido liberal. Tais homens tinham não só amargado a derrota, mas esperavam por suas pensões sem qualquer resposta definitiva e vivendo sob a égide de um regime opressor.

¹²¹ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 45

¹²² MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 46

¹²³ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 27

¹²⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 31

¹²⁵ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 36

¹²⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 31

¹²⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 38

O livro que estamos aqui analisando é o epítome máximo dessa espera. Embora esta seja retratada em muitas das outras obras de Gabriel Garcia Marquez, neste livro a espera toma toda a história e os sentimentos de impotência, medo, abandono, a expectativa eternamente frustrada são somados a miséria opressora em que vive o Coronel.

Estes mesmos sentimentos estavam presentes na casa de Aracataca. O coronel Nicolás Marquez, como veterano de guerra, também esperava pela pensão.

“O avô em pessoa fez o expediente, até mesmo com excesso de testemunhas juramentadas e documentos de comprovação, e ele próprio os levou a Santa Marta para assinar o protocolo de entrega.”¹²⁸

Também assim fez o Coronel. Cerca de oito anos após a promulgação da lei, foi terminado o processo de justificação. Depois disso, o coronel esperou mais seis anos para ser incluído no quadro.¹²⁹ Entrou oficialmente para a lista de pensionistas em 1949¹³⁰ e seu número de inscrição era o 1823.

Um dos *Eidolon* mais fortes presente em *Ninguém Escreve ao Coronel*, é a da espera pela lancha do correio. Todas as sextas-feiras o coronel se dirige ao posto do correio, as vezes até o porto¹³¹ da cidade, onde espera pela chegada das cartas que vinham de além do rio. As afecções, tão importantes para a construção minemônica, são aqui pormenorizadas: “Toda vez que fazia esse roteiro experimentava uma ansiedade bem diferente, mas tão opressiva quanto o próprio terror.”¹³²

Tal espera é construída a partir das memórias de Gabriel Garcia Marquez quando ainda criança. Seu avô, o coronel Nicolás Marquez, o levava com ele para esperar o correio.

“Uma de suas caminhadas favoritas (de Garcia Marquez) era ir ao posto de correio numa quinta-feira, para ver se havia alguma notícia sobre a pensão do coronel, referente à guerra civil de

¹²⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 78

¹²⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 36

¹³⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 44

¹³¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 84

¹³² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 21

vinte e cinco anos atrás. Nunca havia notícias, fato que deixou uma forte impressão no menino.”¹³³

As memórias que Garcia Marquez gravou a respeito desta espera foram de muita intensidade. Não só por questões concernentes ao despropósito do governo, mas também as dificuldades financeiras ocasionadas pela espera indefinida da aposentadoria do avô. Este tema é uma das partes centrais de *Ninguém Escreve ao Coronel*, e as representações a ele ligadas são tão fortes, que a aparecem também em *Cem Anos de Solidão*.

“Los otros (veteranos), los más dignos, todavía esperaban una carta en la penumbra de la caridad pública, muriéndose de hambre, sobreviviendo de rabia, pudriéndose de viejos en la exquisita merda de la gloria.”¹³⁴

A espera pela carta, elemento de tensão da narrativa, é agravada pela dificuldade financeira vivida pelo casal protagonista que, desde a morte de seu filho, já não tem mais como se sustentar. Ambos o coronel e a sua esposa vivem os dois meses em que se passa a história do pouco dinheiro que sobrara da venda da máquina de costura de seu filho, quando este morreu.¹³⁵

É bem verdade que a miséria experimentada por estes vai além daquela que se abateu sobre a casa de Aracataca, ela tem muito mais a ver com a pobreza sofrida pelo autor em seu exílio forçado em Paris. No entanto, a falta de recursos materiais sofrida pelos veteranos da Guerra dos Mil Dias alcançou também a família de Garcia Marquez, ainda que de modo diferente.

A esposa do coronel é uma senhora de muito mais idade que dona Tranquilina Marquez e, em adendo, sofre de uma terrível asma que por vezes a deixa prostrada por dias.¹³⁶ A família de Garcia Marquez não só era mais jovem e saudável como mais numerosa e o trabalho e sustento da casa se dava de maneira mais fácil, mas não simples.

¹³³ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 81

¹³⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 279

¹³⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 29

¹³⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 46

Na casa de Aracataca o sustento era provido pelas mulheres. O coronel se ocupava em receber visitas e talhar peixinhos de ouro, assim como o coronel Aureliano Buendia.¹³⁷

“Dava trabalho acreditar que a avó Mina, com suas mulheres despistadas fosse o pilar econômico da casa quando os recursos começaram a escassear. (...) Quando já não dava mais, Mina continuou sustentando a família com sua doceria, os animaizinhos e caramelo que eram vendidos no povoado inteiro, as galinhas d’angola, os ovos de pato, hortaliças do pátio dos fundos.”¹³⁸

O mesmo ofício de dona Tranquilina Marquez aparece em *Cem Anos de Solidão*, como o de Úrsula Iguarán. Novamente, as afecções são o caminho mais certo para a construção da memória.

A avó de Garcia Marquez enfrentava os percalços financeiros de seu marido e a espera pelo correio com uma obstinada paciência, mas não cansava de repetir aos netos: “Morro tranquila porque sei que vocês receberão a pensão de Nicolasito.”¹³⁹

Aqui o importante é compreender a posição social como agente de pobreza. O Coronel embora sequer tivesse como comprar comida, gozava de certa importância dentro da cidade onde vivia. Seus amigos próximos eram o médico e Don Sabas, o homem mais rico da região. O prestígio de que gozava o Coronel, adivinha de sua importância na Guerra dos Mil Dias. Como já tratamos anteriormente – esta passagem aparece tanto em *Cem Anos de Solidão* como em *Ninguém Escreve ao Coronel* – o Coronel tinha o posto de tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo e guardava um recibo de próprio punho do coronel Aureliano Buendia, pela entrega dos fundos da revolução.¹⁴⁰

O mesmo se passava com o avô de Garcia Marquez. O coronel Nicolas Marquez gozava de muito prestígio em Aracataca tendo, mesmo nos tempos mais difíceis, um escritório para receber as visitas que chegavam todos os dias. Recebia, inclusive,

¹³⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 263

¹³⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 77

¹³⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 78

¹⁴⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 41

homens de alta importância no país como os generais Rafael Uribe Uribe e Benjamín Herrera.¹⁴¹

“A casta do avô era uma das mais respeitáveis mas também a menos poderosa. Mesmo assim, se diferenciava das demais por uma respeitabilidade reconhecida até mesmo pela alta hierarquia da Companhia Bananeira. Era a dos veteranos liberais das guerras civis, que ficaram por lá depois dos últimos tratados (...).”¹⁴²

No entanto, seria um equívoco aqui dar a entender que o coronel não trabalhasse. O avô de Gabriel Garcia Marquez era Tesoureiro de Aracataca e foi administrador de várias fazendas,¹⁴³ isso enquanto a saúde lhe permitiu. Apesar dos cargos de nomes pomposos, e do prestígio que tinha, sua posição de derrotado na guerra não lhe permitia obter os dividendos necessários para sustentar a casa.

Muito embora gozasse de tamanho prestígio, o coronel Nicolás Marquez nunca deixou de esperar o correio. “O correio, que nunca foi uma coisa urgente na família, converteu-se então num enviado da Divina Providência.”¹⁴⁴

As memórias de Garcia Marquez relativas à espera pela pensão de seu avô, produzem nesse livro uma série de representações tão negativas quanto as de *Cem Anos de Solidão*. Aqui as representações são de decadência, de uma pobreza triste, e da expectativa eternamente frustrada.

Enquanto o tom de *Cem anos de Solidão* seria a própria solidão, em *Ninguém Escreve ao Coronel* a palavra chave seria angústia. A angústia provocada por esta espera e elevada ao seu grau máximo pela opressão do período de *La Violencia*.

Esses sentimentos estão bem impressos nas páginas do livro que aqui analisamos. O que para um leitor desinformado possa parecer somente boa literatura é resultado de afecções sedimentadas, de representações construídas durante toda uma vida. Quando Garcia Marquez se encontrava em uma desesperadora situação financeira do outro lado do mundo, não se reportou a outra coisa se não ao sentimento de angústia da espera dos veteranos da Guerra dos Mil Dias. Nas palavras de Ricoeur, quando a

¹⁴¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 36

¹⁴² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 46

¹⁴³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 82

¹⁴⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) Pag. 78

afecção esta presente, mas a coisa está ausente, nós nos lembramos daquilo que está ausente.”¹⁴⁵

Talvez não haja ninguém melhor para expressar esta angústia que o próprio Garcia Marquez da voz, como narrador, em *Ninguém Escreve ao Coronel*: “Precisou de meio século para se dar conta de que não havia gozado de um minuto de sossego desde a rendição de Neerlandia”.¹⁴⁶ Usando de uma das palavras favoritas do autor, uma angústia multitudinária.

¹⁴⁵ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 36

¹⁴⁶ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2010) Pag. 67

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer um estudo da memória é sempre um desafio. Este estudo, desde o seu principio, ainda nos braços de Platão e de Sócrates, enfrenta desconfiança. O estranhamento residia na posição intelectual dos sofistas, que muito não estavam acostumados a tratar do não ser.¹⁴⁷

Mesmo quando é formulada a metáfora do bloco de cera *tupos* impreciso do anel da memória na cera é comparado ao apagamento das marcas, *semeia*, ao erro, ao imperfeito.¹⁴⁸

A memória, não erroneamente estará sempre associada à imperfeição. O sinete jamais estará gravado no bloco de cera com a perfeição da *Eikon*, mas estará gravado como mera imagem, como *eidolon*.¹⁴⁹ A memória aqui, como já tratamos anteriormente, é tão somente a presença do ausente, já que é uma aporia das mais complexas. Ainda sim, o que vem preocupando os estudiosos, ariscos ao estudo da memória, é a linha tênue que a separa da imaginação.

O próprio autor demonstra certa intolerância com o ambiente da imaginação e pontua algumas idéias que podem nos ser úteis para marcar o espaço dissonante entre a memória e a imaginação.

“Acho que a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação, afinal de contas, é sempre a realidade. E a fantasia, ou seja a invenção pura, e simples, à Walt Disney, sem nenhum pé na realidade, é a coisa mais detestável que pode haver.”¹⁵⁰

Como já tratamos em outros momentos, Garcia Marquez não se interessa por aquilo que é completamente inventado, a verossimilhança lhe é essencial. Nas palavras de Ricoeur: “verossimilhança é um irreal não ser”.¹⁵¹ Essa verossimilhança é o que dá

¹⁴⁷ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 27

¹⁴⁸ Idem

¹⁴⁹ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 28

¹⁵⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 34

¹⁵¹ RICOEUR, Paul. Op. Cit. Pag 31

qualidade aos livros de Marquez, em sua opinião, para o autor o bom romance “é uma transposição poética da realidade”.¹⁵²

Sendo assim o estudo da realidade, a realidade mimetizada pela memória, pelas representações, a realidade sob o prisma da verossimilhança, nos foi aqui objeto de estudo. A indagação não é crua, também Gerard Martin já havia percebido o campo que nos é aqui tão caro:

“Talvez nenhuma obra de outro autor moderno levanta de maneira tão forte – de fato, tão misteriosa – a relação entre verdade, a ficção, a verossimilhança e sinceridade quanto a sua.”¹⁵³

Como tratamos anteriormente, o estudo aqui empreendido é o do processo que leva as memórias, constituídas em conjunto, à formarem da representações. As afecções transmitidas a ele pelo convívio com os seus o levaram a criar percepções da realidade, representações do mundo que habitava. E, como também já foi aqui tratado tão extensamente, o nosso objeto de estudo não é alheio ao próprio Marquez que sempre defendeu a existência da realidade em suas obras.

Marquez inclusive trata da questão das representações em *Cheiro de Goiaba*. Quando questionado por Apuleyo Mendonça sobre o ponto de partida de Cem anos de solidão. Garcia Marquez revela que é uma imagem:

“Uma imagem visual. Em outros escritores, creio, um livro nasce de uma idéia, de um conceito. Eu sempre parto de uma imagem”¹⁵⁴

Marquez completa, afirmando que a imagem que dá origem ao seu livro mais famoso é a “de um velho que leva um menino para conhecer o gelo, exibido como curiosidade de circo.”. Menino esse que é o próprio autor, que o avô levou à loja da companhia bananeira e fez abrir uma caixa de pargos congelados, para que o menino pudesse conhecer o gelo.¹⁵⁵

Essa compreensão de que mesmo o lirismo mais absurdo de seus livros tem por raiz a mais pura experiência deve ser compreendida com minúcia, pois é a única maneira de compreender o funcionamento da memória como matéria prima da

¹⁵² MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 38

¹⁵³ MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 91

¹⁵⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 28

¹⁵⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 29

literatura. O próprio autor postula: “Não há nos meus romances uma linha que não seja realidade”.¹⁵⁶

Garcia Marquez, ainda em o *Cheiro de Goiaba*, explica a Apuleyo Mendonça como se dá a construção de seu bolero, não acredita que haja real diferença entre Macondo e o resto da América Latina :

“Percebi de repente que não estava inventando nada, mas simplesmente captando e me referindo a um mundo de presságios, de terapias, de premonições, de superstições, se você quiser, que era muito nosso, muito latino-americano. Lembre-se, por exemplo, daqueles homens que no nosso país conseguem tirar pela orelha, rezando orações, os vermes de uma vaca. Toda a nossa vida diária, na América Latina, esta cheia de casos como esse.”¹⁵⁷

Por fim, as afecções é que são o último espaço de compreensão de seu ofício. O autor não deve sua representação da realidade a seu gênio literário, mas tão somente à figura de sua avó.

“Contava-me os fatos mais atrozes sem se comover, como se fosse uma coisa que acabasse de ver. Descobri que essa maneira imperturbável e essa riqueza de imagens era o que mais contribuía para a verossimilhança de suas histórias. Usando o mesmo método da minha avó, escrevi *Cem Anos de Solidão*.”¹⁵⁸

Assim, não há como terminar este trabalho sem nos reportarmos ao Caribe. Garcia Marquez em suas conversas com Apuleyo Mendonça declarou uma vez que as conspirações dos Mares das Antilhas estavam repletas de “infinitos segredos ao grito”.¹⁵⁹ Pois também é a sua obra. Livros repletos dos segredos da costa atlântica da Colômbia, revelados para o mundo, desde os sentimentos mais íntimos de solidão e angústia, através do imaginário de seu autor. Poderemos então, a partir de agora e

¹⁵⁶MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 40

¹⁵⁷MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 66

¹⁵⁸MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 33

¹⁵⁹MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 104

sempre, nos reportar aos livros de Gabriel Garcia Marquez como as máquinas da memória que José Arcadio Buendia tanto desejou construir.¹⁶⁰

¹⁶⁰MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag.61

REFERENCIAS

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Obras Escolhidas. Volume I, São Paulo, SP. Brasiliense: 1985.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil, 1992.

COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura**: Identidades e Fronteiras. 1 ed. Uberlândia, MG: Edufu, 2006.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais, 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo, SP: Centauro, 2011.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

JARAMILLO, Carlos Eduardo. **Guerra de los Mil Días**: Reclutamientos, ascensos y desertiones. in: Biblioteca Virtual del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121guerra.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

JARAMILLO, Carlos Eduardo. **Reflexiones sobre la guerra de los Mil Días**. In: Biblioteca virtual Del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121reflexiones.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cien Años de Soledad**: Edición conmemorativa. 1 ed. Bogotá: Alfaguara, 2007.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ:Record, 1985.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Ninguém Escreve ao Coronel**. 23 ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para Contar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARTIN, Gerard. **Gabriel Garcia Marquez: Uma vida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2004.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. 1 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Marina Procópio Rodrigues da Cunha declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado As Representações dos Veteranos da Guerra dos Mil Dias nas Obras de Gabriel Garcia Marquez foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, idéias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Nove de Dezembro de 2011